

Progressistas, de lá e de cá

O CONGRESSO Constituinte teve que suar para encontrar uma definição aceitável do que é entretanto um dos mais antigos institutos da civilização — a propriedade privada. E se pode já imaginar a batalha que será, quando ele voltar à pauta, na votação do título da Ordem Econômica: entre os que pretendem que cada brasileiro faça, ao nascer, voto de pobreza em benefício do Estado, "agente normativo e regulador da atividade econômica", como se lê no Projeto de Constituição, e os que reagem, originando num absoluto o próprio uso da propriedade privada, diminuindo-a e empobrecendo-lhe o sentido.

SURPREENDE essa dificuldade em se afinar com um denominador comum, quando o mundo inteiro — fora a ilha de dogmatismo ideológico instalada na Albânia — sabe que estimular a formação e acumulação de riqueza é o caminho natural e fatal de sua difusão, seja qual for a ordem econômica perfiçada pelo Estado.

SURPREENDENTE que a Constituinte volte a ser fórum de um diálogo de surdos, outro nome da tão temida ameaça de um "buraco negro", quando o confronto entre capitalismo e socialismo evolvi, e tão rapidamente, para o mais livre e aberto estudo comparativo, com vistas a um mútuo aprimoramento: será que

a Constituinte é uma máquina do tempo, a promover agora a descoberta do século XIX, ou da Guerra Fria?

NOSSA Constituinte deveria ter pedido carona no circuito de televisão que se estabeleceu, há pouco mais de uma semana, para que mais de mil empresários ocidentais, reunidos em Davos, na Suíça, ouvissem, ninguém mais, ninguém menos que o Secretário Geral do Partido Comunista Chinês, Zhao Zyang. Ela teria pelo menos ocasião de dar sentido real ao progressismo de que se engalana, dispensando, de vez, a máquina do Doutor Panatás.

OS REFORMISTAS do PC Chinês, vitoriosos no 13º Congresso, realizado em outubro, passariam aqui facilmente por entreguistas e vendilhões das riquezas, exploradas e inexploradas, de nosso solo e subsolo. Porque é seu porta-voz maior, o Secretário Geral Zhao Zyang, quem o diz: "Será dispensada aos homens de negócio estrangeiros um tratamento de excepcional favorecimento." E o interesse chinês em atrair capital estrangeiro se concretiza no estabelecimento de pólos estratégicos, como a ilha de Hainan: "Convidamos gente de todo o Mundo a investir em Hainan, explorar seus recursos e realizar todo tipo de negócios, incluindo os imobiliários."

CONFIRA-SE agora essa linguagem com o código de interditos espalhado pelos artigos 200 a 211 do Projeto de Constituição, onde a cada passo se põe de quarentena o capital imigrado e onde até se exige que sejam brasileiros dois terços, no mínimo, da tripulação de embarcações nacionais (estendendo o cordão sanitário do capital ao trabalho estrangeiro).

SE SE PASSAR da China para o Vietnã atual, a linguagem será a mesma, como declarou o chefe da Comissão Econômica para o Exterior, Vo Dong Giang: "O Vietnã dá boas-vindas e estímulos às empresas e à iniciativa privada interessadas em investir capitais e conhecimentos técnicos no país. A lei assegura aos investidores estrangeiros garantias de propriedade, eficácia na gestão empresarial e altos lucros."

É A mentalidade dos que deixaram muito atrás, na História, um entendimento grosseiro do que Proudhon exprimiu em linguagem figurada ("A propriedade, é o roubo"). É a preocupação dos que descobriram a necessidade de queimar etapas no processo de desenvolvimento, encarando como perspectiva de assimilação o que antes refugiavam como risco de espoliação. É a corrida para vencer o atraso acumulado, ao invés da riqueza, efeito direto da economia que se tranca na estagnação.